

# Amor ao futuro

RUI PINA COELHO

Às vezes, para ajudar um coração amigo a sarar, diz-se que da perda pode resultar um recomeço. Mas, em boa verdade, parece-me, da perda raramente sobra muito mais do que o vazio do luto. O resto são coisas que, às vezes, o tempo cura. Às vezes. Nem sempre. Servem estas palavras lamentosas para evocar o nosso companheiro e amigo Juan Antonio Hormigón (1943-2019), falecido em Abril. Director da revista espanhola *ADE*, da Asociación de Directores de Escena, que dirigia desde a sua fundação, foi um impenitente intelectual de todas as coisas do teatro, deixando uma marca indelével no teatro europeu, nos muitos textos que deixou, nos livros que editou, nos alunos e actores que apoiou, nos espectáculos que discutiu... Mas lembramo-lo também pela veneranda bonomia e pela sagacidade com que enchia uma sala. Vai fazer-nos falta.

Este número da *Sinais de Cena* abre com um Dossiê Temático dedicado à Prática como Investigação. Na chamada para artigos, declarávamos:

A Prática como Investigação – chapéu terminológico utilizado para nomear o tipo de pesquisas baseadas e/ou apresentadas sob a forma de prática(s) artísticas(s) – conta com um percurso consolidado de experiências e o reconhecimento crescente no campo da investigação em artes. Encontra-se, contudo, ainda num estado de procura de um vocabulário, metodologias e modos próprios de articulação institucional, em particular na esfera das artes performativas, cujas características exigem uma reconfiguração das formas canónicas de investigação e produção de conhecimento.

Neste Dossiê Temático visa-se perscrutar os diferentes modos como as teorias, discursos críticos e exemplos práticos têm articulado os desafios inerentes à Prática como Investigação em artes performativas face aos actuais modelos de produção e legitimação do conhecimento.

Sob a direcção de Paula Caspão e Gustavo Vicente, dois dos investigadores que mais labor têm dedicado entre nós a estas questões, este dossiê constitui-se como um óptimo ponto de entrada para uma maior complexificação do tema, desbravando bibliografia e, sobretudo, convocando diversas práticas artísticas que foram sabendo fazer esboroar a já bafienta separação entre a teoria e a prática.

A dimensão ensaística deste número da *SdC* – nos Estudos Aplicados – prolonga esta atitude. Nos onze ensaios que constituem esta secção, estão patentes várias das disciplinas e dos instrumentos de análise que têm vindo a fazer dos estudos de teatro e da performance um vibrante caleidoscópio de pensamento. Assim, são chamados os métodos da historiografia do teatro, da crítica de dança e de teatro, da exegese dramática ou da museologia para tratar de um *corpus* dramático, de espectáculos de dança, de teatro ou da arte da performance, mas também para tratar de questões relacionadas com metodologias de trabalho, actores ou com a impressiva memória que os espectáculos deixam nos espectadores. Uma amostra que bem demonstra a extraordinária potência deste campo de estudos para tratar das coisas do mundo.

Neste número, que balança entre olhar para o passado e para o futuro, revelamos algum do Portefólio de José Marques (1924-2012), que, através da sua câmara, enquanto se inventava «fotógrafo de cena», foi registando das décadas mais vibrantes da história do teatro recente em Portugal: do movimento de teatro experimental dos anos 60 ao estabelecimento do teatro independente nos anos 70. Um trabalho mais uma vez documentado e apresentado por Filipe Figueiredo e Paula Gomes Magalhães.

Apontando pungentemente para o futuro está a entrevista que se regista em Primeira Pessoa ao actor e encenador Pedro Gil. Nesta conversa revela-se um criador em permanente autocritica e desejo de experimentação, conhecedor, como poucos, do intrincado tecido da criação teatral em Portugal. Numa entrevista a que se deverá voltar muitas vezes de modo a melhor irmos entendendo as suas razões artísticas, Pedro Gil perscruta os seus modos de fazer e de pensar, provando – se acaso fosse necessário – que não há distância entre a teoria e a prática.

Em Passos em Volta e Leituras, vários críticos e investigadores de teatro portugueses deixam registo de alguns dos trabalhos que marcaram o ano teatral. Assim, o trabalho de Sónia Baptista, Joclécio Azevedo, Maria Duarte, Sílvia Figueiredo e João Rodrigues, Teatro Praga, Inês Barahona e Miguel Fragata, entre outros, é pensado e discutido, ampliando criticamente a sua zona de impacto.

É por acreditarmos que mesmo na perda é preciso não baixar os braços, que entre o luto e a luta muito há a fazer, que vamos insistindo nesta aventura a que vamos chamando *Sinais de Cena*, balançando entre o adeus ao passado e o amor ao futuro.